

ONDE A TRADIÇÃO?

Raul PILLA

(Especial para os "DIARIOS ASSOCIADOS")

Pretendendo negar aos libertadores o direito de corresponderem ao apêlo que lhes fiz em favor da candidatura do inclito brigadeiro Eduardo Gomes, afirma a "Advertência" ser "tradição dos libertadores comprometerem a sua solidariedade a qualquer candidato somente depois de conhecido o seu programa e de bem caracterizados os elementos políticos que os apoiam".

Nada mais falso do que esta alegação. Quando na sua histórica reunião, realizada a 1.º de agosto de 1929, na cidade de Bagé, o Diretório Central do Partido Libertador adotou a candidatura do sr. Getúlio Vargas, nada se conhecia do seu programa, nem estavam então mais bem caracterizados do que agora, quanto ao brigadeiro Eduardo Gomes, os elementos políticos que a apoiavam. E' o que se colhe da resolução então votada. "O Diretório Central do Partido Libertador, reunido na cidade de Bagé, afim de decidir a sua atitude na presente campanha presidencial, declara apoiar o movimento de reivindicações liberais iniciado no Estado de Minas e dará, na próxima Convenção do Partido Democrático Nacional, o seu voto á candidatura proclamada do sr. Getúlio Vargas, julgando satisfatórios os compromissos de honra já assumidos pelos elementos responsáveis, bem como pelo mesmo candidato, em relação aos pontos essenciais do seu programa partidário".

A plataforma do candidato, isto é, o programa que êle se comprometia a realizar, só foi publicado cinco meses depois, no dia 2 de janeiro de 1930, no grande comício realizado na Esplanada do Castelo, no Rio de Janeiro.

Como se explica que, tendo de adotar, pela primeira vez desde a fundação do Partido em 1926, uma candidatura á Presidência da República, haja o Diretório desprezado o critério que os signatários da "Advertência" dizem constituir uma tradição?

Quem no-lo vai explicar, com a sua nunca igualada autoridade, é o próprio fundador do Partido e sumo mestre dos Libertadores. E' Assis Brasil, na carta enviada a Emílio Nunes, representante do Partido Libertador na Convenção da Aliança Liberal, realizada no Rio, a 20 de setembro de 1929, isto é, quase dois meses depois de adotada a candidatura pelo Diretório do Partido.

"A presente campanha — diz êle — é excepcional. A Aliança Liberal nasce, organiza-se e entra em plena operação sem as condições de normalidade exigidas para a observância de métodos que se ajustem a precedentes, ou que possam constituir-los. As candidaturas presidenciais e a plataforma sobre que devem ser levantadas — já estão definitivamente assentadas pela opinião. A Convenção vem homologá-las: não vem criá-las. "Se assim não fôsse, nós, Democratas, deveríamos reclamar obediência á condição racional de não ser votada a candidatura antes da plataforma, de não ser colocada a estátua sem a base".

"No presente singular episódio da vida política brasileira, — acrescenta o missivista alguns períodos adiante — os candidatos liberais á presidência e vice-presidência da República já estão feitos e feita está a plataforma, sobre a qual se não de ostentar ao juízo da Nação. Os Democratas não fazemos exceção á formidável maioria de homens livres que aprova com entusiasmo a plataforma e os candidatos".

Aí está, pois, a tradição, a única tradição que poderiam invocar os homens da "Advertência".

Objetar-se-á, porém, que se tratava então de um episódio singular da vida política brasileira, como o nota expressamente Assis Brasil no citado documento. E realmente assim era. Estava em pleno vigor a Constituição republicana mas a hipertrofia do Poder Executivo, que se vinha cada vez mais acentuando, levava o então presidente ao ponto de querer influir decisivamente na escolha do seu sucessor. O programa, a plataforma consistia essencialmente na reação contra essa grave perversão das instituições representativas.

Mas, se era aquela uma situação singular, mais do que singular — singularíssima — é a com que se defronta a Nação neste momento. Faz oito anos que um golpe de Estado varreu completamente as instituições representativas no País. Uma feliz conjuntura obriga presentemente o Ditador a admitir a idéia de eleições, embora dissociada da mudança do regime, que êle a todo custo quer manter. A consciência popular desperta de súbito e um nome, digno entre os mais dignos, surge espontaneamente, polarizando todas as vontades. Temos agora um candidato; mas antes dele, tínhamos um programa, uma plataforma, muito mais importante e fundamental que o programa de 1929: democratizar o Brasil e restaurar a perdida dignidade da administração pública.

Não está aí, muto mais do que um simples programa, uma necessidade vital e inadiável, num momento singularíssimo da vida nacional? Como, pois, invocar sem má fé, a tradição do Partido na matéria?

Concedendo, porém, fôsse absolutamente indispensável o conhecimento formal da plataforma antes da adoção da candidatura, estarão os signatários da "Advertência" faltando á condição por êles mesmos formulada, pois êles também já tem candidato: tinham-no antes que, das camadas mais profundas da consciência nacional, surgisse o nome de Eduardo Gomes. Tal candidato, não só confessado, mas também abertamente proclamado pelos srs. Batista Luzardo e Luiz Pacheco Prates, era o sr. Getúlio Vargas. E' agora, apesar da cautelosa mudança do sr. Batista Luzardo, o general Eurico Gaspar Dutra. Será amanhã de novo o sr. Getúlio Vargas, se as suas manobras submarinas conseguirem torpedear, como em 1937, as duas candidaturas que agora se defrontam.

A única diferença, entre êles e nós, é que nós adotamos a nossa candidatura á plena luz do sol e para ela pedimos abertamente o apoio dos libertadores, numa verdadeira manifestação democrática; e êles recebem a sua pelos estafetas do Catete e a propagam na propícia e comprometedora penumbra das recamaras governamentais.